



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

13 de Maio de 2006 • Ano LXIII • N.º 1622  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Benguela

# Não estou a escrever de Benguela

**D**ESPOIS de passar pela sala de operações do Hospital Geral de Santo António, no Porto, encontro-me a recuperar de uma fractura no joelho e no tornozelo.

Meu coração, contudo, está em Angola, na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Trago os olhos cheios de crianças. São multidão as que vivem felizes, porque os pais têm o necessário e fazem tudo pelos filhos. Outra multidão, que é maioria absoluta, vive na pobreza extrema e na miséria.

No horizonte mais próximo, vejo, deste cantinho onde me encontro, os cerca de 140 rapazes que fazem a família da nossa Casa de Benguela. O José Maria vai à frente, com os seus 4 anos de vida, muito vivos, arrancado, a tempo e horas, das garras da

miséria. Vai ser um homem, assim esperamos.

Pai Américo, em frase simples e cheia de sabedoria fala dos lemas da Casa do Gaiato: «Fazer de cada Rapaz um homem». Mas um homem inteiro, com estômago, com inteligência e com uma vocação para o transcendente. Ajudar cada filho e cada filha a ser um homem ou uma mulher é a missão dos pais. Pai Américo assumiu a paternidade dos filhos da rua que lhe foram confiados. Por isso, a definição mais rica da Casa do Gaiato, se é possível, está em ser Casa de família para os sem-família.

Conheço a Penitenciária. Também fez parte do meu campo de trabalho, noutros tempos. É ocupado por uma população na sua maioria jovem. Muitas vezes, tenho pensado na trajectória dos filhos da rua, se não encontrarem,

a tempo e horas, quem lhes abra as portas para a vida digna. A Casa do Gaiato tem sido, para eles, a ruptura do caminho para a Penitenciária. Precisam de uma família para crescer e desenvolver como cidadãos normais.

Antes de partir, fui levar uma carta a pedir emprego para alguns dos mais velhos. É consolador e dá-nos novas forças o acolhimento que as grandes empresas têm dado a esta preocupação. É a ajuda mais nobre que podem prestar à Casa do Gaiato nesta fase da vida dos rapazes. Temos falado, muitas vezes, neste assunto, mas é sempre actual.

Estes dias de convivência com os doentes são uma experiência muito rica para mim. Sinto-me mais perto da dor, porque partilho das mesmas dores. A dependência total dos outros faz-me mergulhar na pobreza daqueles que, para terem vida, necessitam das nossas mãos. Estou a lembrar-me

Continua na página 3

## Malanje

# As nossas televisões

**A**S nossas televisões (dos países que se dizem civilizados) todos os dias nos incitam a comprar novas coisas (mesmo sem dinheiro) e as pessoas civilizadas?, compram. Ficam sob o jugo, que os amarra e destrói. Passam a gastar cem enquanto vinte bastavam.

O barco de arroz que enche a barriga durante uns dias aos que passam fome — nada resolve.

Os oitenta por cento que eu como a mais — até ficar obeso — torna-se ponte de fome para os países subdesenvolvidos.

O tempo da coca-cola sempre diante do nariz — obriga-me a beber esta, em vez de água mais útil à saúde. A tampa tapa os nossos olhos. Assim passamos a pagar as férias em estâncias de luxo, aos grandes senhores que as produzem e manobram.

O efeito é o mesmo para todos os produtos úteis à nossa subsistência.

É este *comunismo* que os tais países civilizados procuram ensinar e incutir aos países mais pobres.

Mais terrível ainda é a torneira do álcool sempre aberta na boca dos pobres!

Vejamos só! O que nos traz ele? A saúde, a harmonia familiar, a educação dos filhos, o progresso? Nada mesmo.

Padre Telmo

# MOMENTOS

**O** casamento do Arnaldo foi, como deveriam ser todos os casamentos, um acontecimento feliz! Quem o sentiu mais fortemente foram os rapazes da Casa do Gaiato de Lisboa com quem ele viveu desde pequenino, o senhor Professor, a D. Conceição, que o ajudaram a criar, e todas as pessoas que o viram crescer nesta Casa e colaboraram no desenvolvimento da sua estrutura humana.

Também me encheu de júbilo, embora com ele só tenha gozado o aproveitamento que fez dos valores que a Obra abundantemente lhe deu. Sim, a nossa maior consolação e conforto é vermos os rapazes aproveitarem o nosso sacrifício e o de todos os Amigos que mantêm de pé e com fortaleza a Obra que Pai Américo nos legou: — Fazer Homens! E de cada rapaz que nos cai nas mãos, um verdadeiro homem.

Sempre conheci o Arnaldo, como um jovem trabalhador, estudioso e, sobretudo, muito disponível para ajudar os outros. Onde fosse preciso sacrifício, lá estava ele — alegre, pronto e decidido.

Já colocado, na sua carreira de professor, numa escola secundária, este gaiato comprou casa, amadureceu o namoro e consumou o sonho doirado de iniciar a sua família.

O casamento não é o final de uma carreira, porque a de um cristão só termina com a morte. Mas sendo uma etapa importante para todos os nubentes, ainda o é mais para um gaiato e para a Obra que o fez.

O Arnaldo foi, na Casa do Gaiato de Lisboa, um construtor assíduo de bom ambiente.

Continua na página 3

# Cantinho dos Magistrados

**E**U sei que os temos entre os Leitores habituais deste jornal. Mas a muitos mais dirijo este *Cantinho*, fiado na multidão de Leitores que os têm por parentes, amigos, conhecidos, a quem não de puxar pelo braço e pôr-lhe nas mãos, diante dos olhos, estas linhas que se *devoram* em um minuto e dão pasto para reflexão horas e dias.

É difícil, por natureza, a área da Justiça e da criminalidade. Há mais de cinquenta anos Pai Américo bem o entendia e afirmava nos seus escritos. E, por isso mesmo, comunicava a sua experiência para chamar os especialistas à atenção de que a Jurisprudência depressa se esgota se bebe exclusivamente das fontes em que costuma beber. Pai Américo não era dos livros nem das ideias feitas que concebia o seu pensamento. Era da comunhão no sofrimento incarnado em homens com quem o *padre da rua* se encontrava, na rua.

Porque tenho mais textos seleccionados e não convém que seja longo este espaço para caber na designação de *Cantinho*, intencionalmente uma proposta de meditação, segue já a palavra de Pai Américo:

«Os visitantes de Cadeias entram dentro delas em vísceras de misericórdia e vêem nos degradados coisas que escapam à Justiça e à Lei — porque ambas cegas. Eles sentam-se à beira dos prisioneiros com o coração na mão e descobrem dentro deles a família desmoralizada, a taberna que desgraça, o amigo que alicia, a sociedade que não faz caso; e, como muitos já perderam a sensibilidade das lágrimas, choram com eles e por eles, os visitantes de Cadeias.»

Padre Carlos

*O crime daquele com quem falam é feito, às vezes, de crimes de outros senhores que nunca lá entram, porque a Justiça é cega; não vêem mais do que a lei, e isso não basta para fazer justiça.*

*E desejariam eles, os visitantes de Cadeias, ajoelhar diante dos desgraçados, de cujo semblante toda a gente se arreda, como no tempo das grilhetas; porquanto a medida de compaixão de quem visita Cadeias é a miséria dos que lá moram.*

*É um homem dos seus trinta e quê, robusto e inteligente, acompanhado de três criancinhas e de uma mulher.*

*Meu amigo das prisões, onde cumpriu larga pena por crimes sociais, não traz na frente o ferrete de outras eras, mas marcou-o o mundo com o fuge que é danado; e agora nem mestres de obras, nem chefes de oficinas, nem donos de fábricas — ninguém me dá trabalho, Padre. E apenas entrado em uma casita previamente alugada, houve de sair dela na mesma hora em que entrou... porque é danado! É no momento de ser despedido que este homem chora ao pé de mim a desgraça de não ter abrigo e eu a pena de não ter casa, que seria também a dele.*

*Abraçamo-nos debaixo do céu azul, à beira do turbilhão que passa. A batina negra do padre, que para este foi, e para tantos é ainda, o maior mal do mundo, mudara de cor num instante; e agora era para ele, e tem sido para muitos, o maior bem!*

*Assim se regeneram os maus, amando-os até ao fim. Se eles se sentem desprezados dos homens, acabam por se desprezar a si mesmos e, então, não há mal no mundo que não sejam capazes de cometer, desesperados.»*

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**TEMPOS NOVOS, TEMPOS DE AFIRMAÇÃO** — «A crise está instalada. As mudanças sociais, económicas e, até, políticas, prometidas, propaladas regularmente e até desejadas em alguns casos, parecem em marcha, ou, simplesmente projectadas. Anunciam-se, até, como panaceia de todos os males que nos afectam...

Com isto, a classe política, na maior parte dos casos indiferente ao bom exemplo que deve constituir para todos os cidadãos, parece não ter soluções ou, o que é mais grave, revela-se incapaz e incompetente para enfrentar os grandes desafios que se colocam à sociedade portuguesa.

Paralelamente a todo o desenvolvimento que se nos apresenta como qualquer telenovela trágico-cómica, os cidadãos sofrem e vivem em permanente angústia quanto ao futuro, nomeadamente quanto ao futuro dos seus filhos, os jovens de Portugal. Estes, os nossos jovens, nada mais lhes resta que imigrar, quando há condições dignas para isso, ou sujeitar-se a um qualquer mercador de empregos, que os remunera e os explora a bel-prazer.

Por sua vez a família é atacada por tudo e por todos e até pelo fisco, que a penaliza, por cometer o 'grave pecado' de se organizar e de ajudar a organizar a sociedade, sendo sua base e referência.

Evidenciamos, por fim, os mais fraccos, as famílias, homens e mulheres, que sofrem entre quatro paredes e que, sem poder reivindicativo deambulam de instância em instância na busca do essencial para viverem e para manterem a dignidade que sempre defenderam e têm direito.

Levar-nos-ia longe a análise ao quadro social que se nos apresenta, a nós vicentinos e cristãos de Portugal.

Sem deixarmos de ser críticos e de elevarmos a voz, quando os valores que defendemos são ameaçados, devemos estar ao lado de todos esses que passam mal e o sofrimento marca as suas vidas. Mais que lamentos e comissões inoportunas, devemos ser luz que brilha e horizonte que desponta em todos os que perderam a esperança e não encontram razões novas de viver, que os tempos novos e de mudança fazem despontar nas suas vidas.

É tempo de sermos o que afirmamos. E sendo-o, é tempo de afirmarmos em quem acreditamos e porque acreditamos, afirmando-nos com fé pela fé, dando novas razões de vida e de viver, a quem agora não vive com as razões de outrora, e não encontra motivações para viver com razão.

São tempos novos, com novos desafios e novas perspectivas. São tempos propícios à afirmação, testemunhando o que vivemos e o que nos motiva a viver.»

Escalada, Fevereiro de 2006

Tiragem média  
d'O GAIATO, por edição,  
no mês de Abril,  
54.400 exemplares

**PARTILHA** — Vilar de Andorinho: Neste momento, o assinante 30497, afirma que: «estou de partida para o estrangeiro com minha família. É um momento de grande angústia o ir principiar uma vida nova, fora do nosso País, mas a vida é assim. Envio uns medicamentos e os óculos de minha querida Mãe».

Mem Martins, assinante 20877: «pequenina ajuda para os que mais precisam».

Coimbra, assinante 28708: «cem euros para os Pobres e doentes protegidos pela vossa Conferência».

Senhora da Hora, assinante 57002: «Duzentos euros, meu pequeno contributo para os Pobres... É uma migalha dada com muito carinho para os irmãos mais necessitados, principalmente os mais idosos, tão dependentes do nosso amor e solidariedade».

Leiria, assinante 33572: «Pela obtenção de uma graça a Nossa Senhora, mando 25 euros que distribuireis como sabeis. Destaco estas maravilhosas palavras de uma leitora d'O GAIATO: Amar, conviver e partilhar é como uma viagem sem fim. Peçam a Pai Américo pelas melhoras de minha mulher».

Porto, assinante 113 (com 91 anos): «Graças a Deus, chegou finalmente o dia em que posso realizar um sonho e vossa ajuda para concretizar...».

Muito obrigados, em nome dos nossos Pobres.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**DESPORTO** — Já não me lembro de um jogo assim, em que se tenham faldado tantos golos.

Os seniores receberam o G. D. Santa Comba, do campeonato amador de Paredes, a quem venceram por 1-0, golo do Ilídio. Um desafio onde nem tudo correu como esperávamos! Mesmo assim, foi possível chegar ao fim com os onze jogadores de cada lado.

Ficaram no banco: Rogério, «Bolinhas» e «Bonga», que, normalmente, são titulares.

Na segunda metade, e com a entrada deles, a baliza adversária foi bombardeada, mas a sorte não quis nada conosco.

Na baliza deles estavam «dois» guarda-redes: o próprio e a barra da mesma. Umas vezes por mérito, outras por causa da barra, não foi possível dar uma goleada, apesar de alguns jogadores adversários terem jeito e escola futebolística em alguns clubes da primeira nacional.

Temos, até este momento, 30 jogos realizados e apenas uma derrota. Daqui em diante vai ser diferente, pois vamos ter cinco jogos seguidos fora de casa, e não vai ser fácil. Tratam-se de jogos de outro nível. Os nossos rapazes são briosos, gostam de caprichar, têm graça, têm garra, têm vontade de ganhar, mas ainda não conseguem fazer milagres. Vamos ver até onde podem ir!

**ATLETISMO** — No dia 25 de Abril, a Junta de Freguesia de Paço de Sousa, organizou uma corrida de corta-mato. Os nossos rapazes participaram e, como não podia deixar de



O Fábio e o Horácio, da Casa do Gaiato de Setúbal, com os seus padrinhos, no dia do seu baptizado.

ser, tiraram bastantes prémios. Medalhas, taças e prémios em dinheiro.

Na categoria de *Benjamins*, o Francisco e o Rui, da casa-mãe, ficaram em terceiro e quarto lugares. Que espectáculo!

Nos *Infantis*, Ronaldo ficou em terceiro e também subiu ao pódio.

Nos *Iniciados*, bom!, cinco nos primeiros dez classificados: «Bongui-nha» em quinto, Zé Reis em sexto, Filipe em oitavo, «Gadanhas» em nono, e Diogo em décimo. Todos tiveram medalhas e, por equipas, ganharam uma taça.

Nos *Juvenis*, David ficou em quinto e, por equipas, também ganharam uma taça.

No escalão de *Juniores*, Abílio ficou em quinto e recebeu uma medalha e um prémio monetário.

No escalão de *Seniores*, Ricardinho foi um verdadeiro herói, classificou-se em décimo, tendo feito um esforço enorme, já que era a prova mais difícil.

Conclusão: Os nossos rapazes, por onde passarmos, deixam a sua marca registada, sempre no bom sentido, graças a Deus! Ninguém *deve...* nada, pois gostamos de dizer a todos que sabemos o que queremos e o que andamos a fazer. Vimos grandes atletas a desistir, mas nós resistimos até ao fim.

Com a colaboração do nosso Padre Manuel Mendes, tudo foi possível. Com duas taças e bastantes medalhas, foi uma euforia, quando eles entraram no refeitório, já que os restantes se encontravam a almoçar.

Queremos também dar os parabéns aos organizadores, pelo esforço que fizeram para poderem realizar o evento. Espero que para o ano haja mais e lá estaremos, se tudo correr bem.

Alberto («Resende»)

## Setúbal

**PISCINA** — O senhor Paulo e o Mário Paulo andam a fazer os apoios para os tubos dos ralos da piscina. Também vão montar um degrau para os rapazes descansarem dentro de água. Os rapazes gostariam de ter um escorrega na piscina, para se divertirem.

**FUTEBOL** — O Danilo organizou um torneio de futebol de cinco, com

os jogos realizados na eira. Estão a correr bem e os rapazes interessados em jogar. Por enquanto, a equipa do Hernâni está em primeiro lugar.

**LAVANDARIA** — O sr. Paulo e o «Lota», fizeram uma fossa para a água dos esgotos da lavandaria. A D. Francelina e a Larisa têm muito trabalho a lavar a nossa roupa, e também é muita a água que se gasta. A máquina de espremer a roupa, que é muito antiga, foi para arranjar na nossa serralharia.

**SILAGEM** — Anda uma equipa grande, de rapazes na silagem. No terreno a máquina corta a cevada e manda-a para o reboque do tractor. Depois, outro tractor traz o reboque cheio e despeja-o no silo. Os rapazes espalham a erva e põem sal por cima. No fim, o tractor, com tracção às quatro rodas, calca a silagem. Depois, leva nova carga de erva e volta a calcar até que acabe a cevada no campo.

**FAVA** — Tivemos muita fava este ano! As senhoras andam a apanhá-la e os rapazes transportam-na para casa. Depois, vários grupinhos descascaram a fava. Uma parte foi para comermos e a outra para as câmaras de congelar, e se ir comendo ao longo do ano.

Ángelo Pires

## Malanje

Sábado, Missa vespertina para os nossos rapazes. Padre Telmo, aproveitando a presença total da Comunidade, faz a reflexão dos acontecimentos da semana. Os rapazes escutam com atenção. Alguns são chamados à responsabilidade. É assim que se faz sempre que necessário, porém, nem sempre se resolvem os problemas e, na semana seguinte, o mesmo chamamento. A nossa Casa tem sempre algo para corrigir; se assim não fosse, o que seria?

O «Rasca» é responsável pelo gerador. Um pouco distante da sua obrigação, mas sem a presença dele ficamos às escuras.

A nossa vida reflecte-se neles e para eles.

Domingo, pela manhã, as pessoas começam a chegar das sanzalas, para participarem na Eucaristia. Os mais velhos vêm nas suas bicicletas para a

Capela, colocando-as no átrio, que mais parece uma garagem. Como o Povo enche a Capela, os rapazes vão ao refeitório e trazem os bancos, para melhor se instalarem. A Eucaristia começa com a participação das Irmãs nos cantares, batuques e palmas. É assim a celebração do Povo: — alegre e cheia de vida, que dá gosto ouvir.

À tarde, vem o convite do Padre Telmo para uma visita à Carianga.

Pela estrada, multidões com os seus transportes de duas rodas, que mais parecem transportes de carga. Carregam lenha, fuba e outras mercadorias.

Chegámos, começando a visita pelas instalações dos suínos. O responsável pela distribuição das rações diz: — «Os porcos estão famintos». Sempre que aqui venho, deparo com esta situação! Eles desculpa-se, dizendo sim a tudo (palavra comum deste Povo). Dizem ter dado a ração, só que são muitos, daí os gemidos.

(...) Ouve-se uma explicação: Bananeiras do Brasil, rendem mais e são mais produtivas. Assim se comem bananas brasileiras.

A visita continua. Agora, o gado, paixão do Padre Telmo. Lindo, gordo, em quantidade e qualidade. A reportagem vem de seguida. Fotos e mais fotos, enquanto o nosso *catapiller* faz sair o *jeep* do pântano. Miguelito, assim se chama o responsável pela máquina, dá conta do recado. Quem o conhece, vê nele o sentido da responsabilidade pelo seu trabalho. Homem humilde, simples, sempre pronto, logo que chamado.

Vamos para Casa. Após a visita, um desvio leva-nos à sanzala do Bambe, onde centenas de crianças se aproximam, cumprimentam e fazem alarido.

O soba, homem de 90 e tal anos, cansado e gasto, reconhece-nos e abraça, feliz. Chama-se Joaquim, antigo operário, pede para levarmos uma carga para Malanje com destino a Luanda. Não há que negar este pedido, tão humilde.

No decorrer da viagem até Casa, deparo com uma centena de soldados perfilados. Não tinham armas, mas, sim, a linha de alta tensão para Malanje. É o progresso de uma cidade rebentada pela guerra. Que pena não terem feito o desvio para nossa Casa! Dizem que passará aquando de uma linha para o Lombe ou Kalandula, que será para 2007 ou 2008.

Vamos esperar por melhores dias, ver até quando. Sem esta, é-nos impossível fazer seja o que for, pois estamos dependentes do gerador.

Júlio Silva



## Momentos

Continuação da página 1

O senso, a liberdade, a responsabilidade e o gosto de viver estes valores, só por si, forneceram-lhe a alegria que sempre floriu no seu rosto e lhe fundamentou o desenvolvimento.

Assim, este jovem tinha de encontrar para si alguém que lhe fosse igual, procurá-la nos ambientes onde estes valores se cultivam, experimentá-la na dureza da vida diária e com ela comungar um ideal elevado.

A forma como prepararam a celebração religiosa do seu casamento e como a viveram, deu-me a impressão que o Arnaldo conquistou não só «a carne da sua carne e osso dos seus ossos», mas também um espírito do seu espírito, e ambos a comunhão do Espírito de Deus, que os escolheu, elegeu e acompanhará.

A Mafalda pareceu-me em tudo semelhante ao Arnaldo: — uma

mulher generosa com larga capacidade para ser esposa e mãe.

As colegas da Universidade, onde se haviam formado, esperaram-nos à saída da Capela, estendendo as suas capas na calçada branca para que os noivos as pisassem num longo tapete negro, ao jeito de uma sincera homenagem e admiração.

O amplo e novo templo da Casa de Lisboa perfumou-se com incenso, adornou-se de muitas e variadas flores, encheu-se de convivas em oração, mas eles, os noivos, resplandeciam como fontes de beleza que nos feriu profundamente a alma e ainda nos consola.

Presidiu o Pároco de Loures, de onde é originária a noiva. Eu não disse uma palavra. O silêncio também é eloquente quando temos a alma em sombras, mas hoje, apetecia-me escrever um «Aqui Lisboa» de outros tempos!

Somos vivos e damos frutos.

Padre Acílio

## Benguela

Continuação da página 1

da situação em que vive a maior parte da população dos bairros mais pobres de Benguela, atingida pela cólera. Sem transporte para o hospital, sem postos de saúde locais. Só lhes resta a morte.

Alargando mais o horizonte, damos conta de que a vida dos outros também está em nossas mãos. Quem dera o egoísmo em nossas vidas não seja uma corrente de morte! Quem dera a palavra partilha faça parte do dicionário da nossa vida! Quem dera os pais ensinassem os filhos a partilhar os seus bens! É por aqui que passa o nascimento dum mundo novo por que tanto ansiamos. Não é uma utopia. É dentro de cada um, com gestos para fora. À semelhança do grão de mostarda ou da fogueira humilde, mas com uma intensidade de calor tão elevada que aquece tudo em volta. Quem dera cada pessoa fosse uma fogueira de Amor!

Padre Manuel António

*Será verdade que, segundo a Comunicação Social, o Patriarcado de Lisboa vai nomear o primeiro Director não Padre para a Casa do Gaiato de Lisboa? Agradeço que seja informado sobre a veracidade da notícia, pois a autêntica Igreja de Cristo jamais se põe de joelhos perante as arbitrariedades do Estado.*

*Estamos a viver uma época em que o conformismo e o medo, e a carência de personalidade, impedem a maioria das pessoas de reagir com firmeza contra todas as injustiças sociais e contra a destruição paulatina dos valores morais do Cristianismo, como é dever dos genuínos cristãos e é recordado, com insistência, pelos Papas João Paulo II e Bento XVI.*

*Impera a ditadura do 'Relativismo', são aprovadas leis iníquas que constituem um óbvio atentado à integridade da Família, desvalorizando-se o matrimónio e facilitando-se os divórcios, chegando-se até a alterar a Ordem Natural das sociedades humanas desde a Criação do Mundo.*

*Perdõe-me, senhor Padre Acílio, esta minha reacção, mas nunca pactuei com a invasão de burocratas sequiosos, ávidos de poder e honrarias. Não queremos directores com gabinetes luxuosos e automóveis sumptuosos, com uma legião de secretários a esbanjar o dinheiro do Estado, ou, melhor, dos contribuintes.*

*Desejamos que as Casas do Gaiato continuem a funcionar segundo as regras do seu Fundador, o saudoso e carismático Padre Américo: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes».*

*Portanto, senhor Padre Acílio, nunca desanime e continue a*

## Dores da Família de fora

*«É sempre, para mim, motivo de inefável alegria, a recepção do jornal O GAIATO, que leio de imediato sem qualquer interrupção. Porém, quando recebi o Jornal de 18 de Março último, fiquei imensamente triste e, ao mesmo tempo, indignado com a notícia do 'assalto' à Casa do Gaiato de Lisboa perpetrado por Serviços Estatais, com a indiferença lamentável da respectiva tutela, o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, que deveria dirigir, prioritariamente, as suas preocupações para os dois milhões de portugueses que vivem muito abaixo do limiar da pobreza.*

*Quanto a alguns órgãos da Comunicação Social que, aleivosamente e com despudor, se limitam a levantar torpes calúnias acerca das Casas do Gaiato, nem sequer me merecem desprezo, mas unicamente o meu profundo nojo!...*

*Não posso conformar-me com a entrega da referida Casa do Gaiato à Diocese de Lisboa, e peço-lhe, encarecidamente, que no próximo número do jornal O GAIATO sejam esclarecidas totalmente as circunstâncias que conduziram à presente situação e a*

*identificação dos intervenientes, pois assim exigem os assinantes d'O GAIATO e os benfeitores da Obra da Rua.*

*Que o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social seja inundado de cartas de repúdio do ataque injusto e cobarde a uma Instituição da Igreja, que pela sua notável actividade em prol da criança abandonada e em risco, desprovida dos mais elementares meios de subsistência, numa acção dignificante e plena de amor, colmatando, assim, as lacunas do Estado.*

*Estabeleça-se, com verdade, a comparação dos métodos utilizados e resultados obtidos nas Casas do Gaiato com os dos estabelecimentos assistenciais do Estado, onde o amor desinteressado é coisa rara.*

*É desolador e doloroso tomar conhecimento dos despachos desastrosos e míopes de certos magistrados do Tribunal de Menores, que já originaram, algumas vezes, a infelicidade e até a morte de crianças que foram entregues a pais biológicos sem capacidade moral, e sujeitas aos piores maus tratos.*

## DOCTRINA



*Riscar os sistemas e sepultar as críticas. Assim é que é.*

**A**QUI, há tempos, um senhor chamou e, amigavelmente, deu-me de conselho que não devia continuar a erguer casas na Aldeia dos Rapazes semelhantes às que já estão construídas, porquanto, dizia ele, os garotos das ruas não estão afeitos a conforto, nem podem nunca tê-lo, uma vez saídos da Obra. Um outro senhor, igualmente por palavras amigas, tentou persuadir-me de que resultaria inútil a tolerância para com estes rapazes e que somente o castigo corporal os havia de regenerar, na medida em que o possam ser. Esses dois cavalheiros são homens de bem e falam por convicção. Ora a crítica mais perigosa é precisamente a que sai dos homens bons.

**É** muito difícil destruir no espírito de qualquer o fruto das suas experiências; é mesmo impossível fazer com que se desviem do caminho que traçaram. A História está cheia destes factos. Não é, por isso, para me encher de razão, que hoje publicamos uns extractos de «Seleções» de Julho deste ano, mas sim para que os outros, e sobretudo os incrédulos, vejam a razão.

**CHAMA-SE** «Palácio dos deserdados» o artigo a que me reporto. Diz ele que um médico peruano deu ao seu país duas grandes lições de assistência social. A primeira consiste neste princípio já realizado na cidade de Lima: «É mais fácil e mais barato produzir cidadãos úteis do que sustentar homens incapazes». O segundo princípio completa o primeiro: «Grandes instituições podem ser construídas sem grandes verbas».

**O**S autores do supracitado artigo dizem que dantes os enjeitados da capital do Perú eram levados a três grandes Asilos; e descrevem por palavras suas precisamente aquilo que se tem dito vezes sem conta neste pequenino jornal O GAIATO, com a aprovação conscienciosa e silenciosa de grandes vultos da nossa Pátria muito querida. Os mesmos senhores do artigo dizem mais: que os asilados eram matéria-prima que servia de sustento à mendicidade e ao crime, uma vez despedidos da casa. Outra verdade que O GAIATO gosta muito de dizer. Falam, ainda, dos pequeninos seres «metidos em imundos uniformes só para fazer mais negro e mais infeliz o destino de cada um». De onde se conclui que os dois senhores mais eu podíamos passear o mundo de braço-dado; mesmo que as pernas de um fossem mais compridas que as do outro, o passo havia de ser muito certinho.

**E**M oposição àquele «dantes» levanta-se no corpo do artigo a palavra «hoje» para dizer que as crianças da mesma cidade, aqueles farrapões mortificados e amortecidos nos Asilos, vivem num «local considerado um dos mais saudáveis e alegres da América do Sul. No alto de um penhasco, lavado pelo sol, lá se vêem bonitas construções no meio de árvores, jardins, parques e piscinas».

**PORQUE** temos de deixar espaço para algumas considerações, não se diz mais nada do que vem na interessante revista, que todos podem obter em qualquer quiosque; é a de Julho derradeiro. Quem tiver a curiosidade de saber — e eu folgava que a tivesses — pode comprar, ler, pôr-se a caminho e vir até aonde nós, observar uma humilde réplica à Obra do Médico peruano.

*D. Américo*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

*defender sempre com firmeza os nobres ideais que são apanágio da Obra da Rua. Não se incomode com críticas maldosas e as vis calúnias de alguns burocratas da Segurança Social, e de uma Comunicação Social que faz tábua rasa dos valores morais e religiosos que os nossos antepassados nos ensinaram a respeitar.*

*Como diz, com acerto, o nosso*

*bom e humilde Povo, 'a palavras loucas, orelhas moucas', e manifeste-se indiferente ao alarido, porque 'os cães ladram e a caravana passa'!*

*Com os meus respeitosos e afectuosos cumprimentos, e sempre pronto para o combate contra todas as forças do Mal, apesar dos meus 83 anos,*

Assinante 27527-»

# PADRE AMÉRICO

## Páginas Escolhidas

**A**RRUMADA de vez a crueldade da tarefa, vivo, agora, um estado de graça que tem por nascente este manancial de textos fundamentais, belíssimos, que nos firmam em certeza mais profunda de que a pena que Pai Américo manuseava, era, de verdade, soprada pelo Espírito Santo.

Daí que, para uso próprio e porque não é fácil dar com eles dispersos nas páginas d'O GAIATO, eu recolhi destas Páginas Escolhidas um lote a que chamo *Textos Exemplares* — doutrina de há sessenta e mais anos com respostas eficazes a situações e problemas sociais que a INTELIGÊNCIA dos nossos dias apresenta como novas descobertas.

Por exemplo: A prática da *Institucionalização*, como agora se diz — sabeis o que Pai Américo pensa dela?...

Eu não quero acrescentar mais nada após a prosa dele, para que a possa saborear e assimilar, frutuosamente, a alma que, graças a Deus, abunda no seio dos nossos Leitores. Por isso, coloco aqui em jeito de chamada de atenção: Claro que Pai Américo era um homem de inteligência e coração ao alto... e de pés na terra, bem assentes. Foi um homem de senso, de bom-senso — produto este que escasseia tragicamente nos hipermercados da actualidade.

O que ides ler, tem por contexto uma Família autêntica, provada pela morte do Pai, pela falta de pão com o corolário de todas as outras necessidades que ele significa; privada, até, daquela pensãozinha providencial que o Pároco falecido assegurara. Mas há a Mãe. Está Ela com um amor verdadeiro que a torna capaz de milagres de multiplicação.

Nesse tempo aos pais não se chamava de *progenitores*. E, se porventura eram apenas tal, Pai Américo não chamava a isso uma família. Eis o desgraçado equívoco em que caíram as ciências e as técnicas do Humano.

E agora, eis Pai Américo:

*«Não sei se os senhores ainda se recordam daquela viúva com sete filhos que, segundo ela, foi mandada aqui pelo Presidente da Câmara de Espinho. Não sei se se recordam. Pois bem. Hoje de manhã tivemos um caso idêntico.*

*Eu saía da Capela, de celebrar, e estava uma com seu filho pela mão em ar de quem tinha feito grande jornada. Saiu de casa com de noite, atravessou o rio Tâmega e tinha chegado naquele momento. Antes de mais, quis saber quem é que a tinha mandado e ela disse que ninguém: vim por minha cabeça. O desejo desta viúva era entregar-me o seu filho presente, de oito anos de idade, e ela ficava com mais três abaixo. O seu marido era pedreiro. E porque morreu de doença, como ela me disse, não tem subsídios de nada, de ninguém. Emprega-se a dita viúva em dar dias quandoinhos pedem, ganhando por cada um 3\$50. Não era preciso, mas*

*ela quis-me dizer que aquilo não dava para pão. Para fazer esta jornada, tinha ela pedido a uma vizinha, ontem à noite, obra de um quilo dele que trazia numa saqueta; e como aqui lhe tivéssemos dado uma refeição quente, ela, esta pobre mulher, regressa com a boroa na saca para a devolver! O mundo de hoje, afeito a grandezas, estranha naturalmente estas insignificâncias.*

*Eram horas do meu café e, enquanto ela e o filho tinham feito do seu duas malgas de sopas, fui eu tomar o que me pertencia.*

*Sabe assim muito melhor aquilo que a gente come! De onde estava, eu via a mulher e o filho sentados num banco de pedra à porta da cozinha, ocupados e silenciosos.*

*Bernardino e Papagaio, em conversa com o pequeno, tinham sabido que ele nem sempre encontra de comer quando regressa da escola: umas vezes tenho só caldo, outras vezes tenho só pão. E os dois refeiteiros vêm-me pedir. Querem que o rapaz fique.*

*Confortados com o nosso pequeno-almoço, a viúva mais eu conversámos por algum tempo. Falta ao mundo quem dê atenção e ouça histórias de vidas esmagadas. A desta viúva é assim. Os seus olhos são as janelas da verdade com que ela se exprime. Fichas sociais, nestes casos, são desnecessárias; a letra é inimiga da verdade. Quando chega à penúria de roupas e à notícia de*

*um empréstimo para comprar o cotim das calcitas do filho, aí vem um fio de lágrimas para me dizer que a vida dos pobres custa muito. Sim, custa. Ela fala do que conhece.*

*Tinha tocado. A aldeia encontrava-se agora deserta; tudo estava nas escolas e nas oficinas. Aproximaram-se as senhoras. Uma foi buscar roupas; outra, algum dinheiro. A viúva põe as mãos em pacífica explosão...! Declara que o Pároco da sua freguesia, enquanto vivo, lhe dava 50\$00 por mês e, com este dinheiro, governava a sua vida; mas agora não! Agora não tinha nada. A freguesia está vaga.*

*Chegados que somos a este ponto da Nota, é meu desejo que ela sirva de doutrina social. Esta viúva declara, e eu sou testemunha, que se governa com 50\$00 por mês contando com o seu trabalho e ajudas eventuais.*

*Ela mostra ser dotada de uma grande capacidade moral. É mãe. Ninguém como a mãe para dar aos filhos a criação. Nestes e em casos semelhantes é a mãe que se deve auxiliar. Quando a nossa maneira de assistir deixar de ser teoria, em todos os cantos de Portugal há-de haver este costume, mais os necessários meios. Asilos e quejandos organismos, só nos casos de incapacidade familiar. Assim é que está certo.*

*A mãe levou o seu filho. Levou roupas para os outros. Foi prevenida para este mês e levou consigo a certeza de que o Pai Celeste vai providenciar. Assim como eu nos dela, também esta mãe viu nos meus olhos duas janelas abertas para um mundo de verdade. Não enganemos os Pobres, sobretudo as viúvas com encargos!»*

Padre Carlos

## PENSAMENTO

O amor é regra. Não o amorzinho-cerimónia: mas, sim, aquele que mergulha na Cruz e que vem da Cruz.

Tenho notado que aonde o Humano, aí o Divino. Quanto mais humanamente tratamos as crianças, maior o número de mãos se levantam para o Céu. De onde se compreende que o miolo da verdadeira Religião é este: amor. «Deus é Amor» — verdade eterna.

PAI AMÉRICO

### Setúbal

## A sociedade do vazio

**N**OS nossos dias, dá-se muito valor ao aspecto exterior das coisas. Ainda que o conteúdo não tenha valor, o essencial está na forma como as coisas parecem. É a sociedade do vazio, da ausência de conteúdos.

O Evangelho fala-nos de uma figueira, da qual Jesus se aproximou em busca de figos para comer, pois tinha fome. Junto dela verificou que unicamente estava adornada de folhas, e despida de frutos. As palavras de Jesus, constatando a sua inutilidade, foram sentença para a árvore que de imediato secou.

Se a vida for estéril, não produzindo frutos, de que servirá? A cadeia da vida exige, para que esta não desapareça, a sua multiplicação. Não só de novos seres, mas de revigoração e crescimento dos que já existem.

Apesar da sentença e das consequências de morte para a vaidade, esta ainda não desapareceu da face da terra. Quem se dá bem com ela, encontra forma de a perpetuar no tempo, com salvaguarda e protecção na letra da lei.

Nestes dias, tivemos a visita de uma cegonha. Resolveu escolher um lugar de poiso, o cume do nosso «pombal», por sinal o ponto mais alto de toda a Casa.

A cegonha ia e vinha, e apreciava lá do alto a nossa vida. Entretanto os rapazes fizeram-na sua e lhe deram nome: «Iena». Os dias foram-se sucedendo, e o ninho que todos esperávamos fosse feito não aparecia.

Então, alguém percebeu que a cegonha precisava da nossa ajuda, que lhe fizéssemos um ninho. E assim sucedeu: o Júlio e o «Manobras» foram à nossa carpintaria e, no fim desse dia, trouxeram o ninho que os Bombeiros foram, depois, colocar a mais de 10 metros de altura.

Agora, ficamos todos a aguardar que a cegonha faça a sua parte, e que a sua presença e os frutos que venha a dar, sejam mais um motivo de alegria para todos nós que os esperamos

Padre Júlio

### Moçambique

## Outra vez a Sida

**F**IQUEI de voltar ao assunto da sida. Por cá é quente e não tem relação com consumo de droga, mas sim com a maneira de viver. Da África do Sul chegam, todos os dias, homens contaminados, muitos deles para morrer já. Deixaram por lá outra mulher e outros filhos já infectados. Aqui, estão também, ela e os filhos, talvez sem ainda suspeitar.

A malária, a má nutrição e mais ainda a fome e qualquer infecção, mesmo passageira, após o contacto do HIV, fazem baixar a resistência ao vírus, em média para quatro anos. Todo esse tempo já foi perdido para o combate ao aparecimento da sida.

A importância dos nossos activistas está aí. Eles percorrem as Aldeias, procuram saber da saúde dos mais velhos da família. Por vezes até o avô está contaminado. Incutir coragem e esperança de vida, se fizer o teste e acusar positivo; procurar a consulta para avaliação do mal, são passos que demoram muito a dar.

Dois casos em menos de oito dias que nos tocaram de perto:

Um antigo gaiato de outra Casa, o Victor ou «Pafto», para quem o conheceu. Soubemos dele já não falava. Tentámos o Hospital, foi recusado porque já tinha sido medicado e não seguia o tratamento. Entretanto, com ajuda de um enfermeiro que ia a casa e apoio alimentar que foi daqui, a mãe conseguiu reanimá-lo um pouco. Ainda se riu comigo, quando o visitei segunda vez. Da terceira, fui para encomendar a sua alma a Deus. Soubemos tarde, que apesar do conhecimento que tinha da doença e da medicação, andou por curandeiros, a tentar o impossível.

Outra pessoa por quem tínhamos estima, por ter acompanhado o nosso Américo nos seus dois internamentos prolongados, em pequenino. Há dois anos que os filhos morreram e se tornou notório o depauperamento daquela mãe ainda jovem. Mas não se deixava convencer e quando, já sem forças, se deixou levar ao Hospital, era tarde demais. Soubemos da mãe dela, a viver na África do Sul, gastou o equivalente a quinhentos euros com um curan-

deiro para ele desfazer o feitiço à filha.

Esta é uma ideia entranhada na mentalidade do povo, difícil de superar. Qualquer doença é atribuída a um feitiço. Não é um problema que possa desvanecer-se com a formação das pessoas. Nestas circunstâncias, mesmo médicos antes de aceitarem o tratamento antiretroviral, não deixam de seguir a tradição.

Está calculado que até dois mil e dez, morrerão nove mil professores. Poderá dizer-se o mesmo de enfermeiros, polícias e quantos mais. Se, como dizem os técnicos da saúde, puxarmos a cadeia, vem primeiro a mulher e os filhos contaminados, depois a segunda mulher e os filhos, pelo menos, porque a fidelidade não é virtude

apreciada, há ainda outras e outros. Será uma verdadeira castástrofe, até em termos económicos, para este país que quer andar e as forças de muitos modos o atraíam.

Hoje 1.º de Maio, estiveram aqui as Irmãs Dominicanas a passar a tarde. Entre elas uma que é Médica no Hospital Polana Caniço. É ela que atende os infectados e pelo menos dois por dia vêm-lhe morrer às mãos. «Não sei como ainda consigo comer, quando saio do Hospital». Senhor, ilumina os que pesquisam o remédio e ajuda-nos a trazer à Fé aqueles que procuram a vida de qualquer modo e tropeçam na morte!

Padre José Maria